

AS CONTRIBUIÇÕES DO ESPORTE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

(CONTRIBUTIONS OF SPORT FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION)

Janaína dos Santos; Everton Luiz de Oliveira

Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro, São Paulo, Brasil

anianaj22@hotmail.com

Abstract: *This study aimed to reflect on the sports practices developed in the school environment, making a critical analysis of performance sports and also present other pedagogical perspectives for professional routine physical education teacher. This study is review a literature based on the latest scientific articles of electronic libraries, journals of the Brazilian Journal of Physical Education and Sport, Brazilian Journal of Sport Science and Physical Education Magazine/EMU. There were also used books available in the library of the University Center UNIFAFIBE. The study addresses the history of the sport and its course over the years to be introduced in schools. The sport is currently identified as a global social phenomenon, so the sport is present in people's lives even if they do not realize it as such. The sport is present in the school as one of the most important content of physical education and as an extracurricular activity, playing a key role in the lives of children and young people. Therefore it is concluded that historically entered the sport in school with their goals focused on sports initiation and over the years this model was reinterpreted, becoming a member of numerous educational reforms and more recently turned to the body culture and psychomotor of students.*

Keywords: *Curriculum, School Physical Education, Sport.*

Resumo: *O presente estudo teve como objetivo refletir sobre as práticas esportivas desenvolvidas no ambiente escolar, fazendo uma análise crítica de sua abordagem tecnicista e de rendimento e, ainda, apresentar outras perspectivas pedagógicas para a rotina profissional do professor de Educação Física. Este estudo é uma pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos mais recentes de bibliotecas eletrônicas, nos periódicos da Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciência do Esporte e Revista da Educação Física/UEM. Foram utilizados também livros disponíveis na biblioteca do Centro Universitário UNIFAFIBE. O estudo aborda o histórico do esporte e o seu percurso durante os anos até ser introduzido no âmbito escolar. O esporte é identificado atualmente como um fenômeno social mundial, desta forma o esporte está presente na vida das pessoas mesmo que elas não o percebam como tal. O esporte está presente na escola como um dos conteúdos mais importantes da educação física e como uma atividade extracurricular, desempenhando um papel fundamental na vida das crianças e dos jovens. Portanto conclui-se que historicamente o esporte adentrou na escola com os seus objetivos voltados na iniciação esportiva e com o passar dos anos esse modelo foi ressignificado, passando a integrar inúmeras reformas educacionais e, mais recentemente, voltou-se para a cultura corporal e psicomotora dos alunos.*

Palavras-chave: *Currículo, Educação Física Escolar, Esporte.*

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física sempre foi a minha disciplina preferida no curso de minha trajetória escolar, desde o ensino fundamental até o médio. Foi a partir dessa singular junção de sentimentos e sabores, oriundos dessas aulas, que resolvi ingressar no curso de Educação Física logo após o término de minha formação em nível básico.

Mesmo gostando muito das aulas e atividades práticas, sempre com a predileção pelo esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar, rondava-me a ideia de que ainda faltava algo para que o desenvolvimento das atividades fosse mais profundo, esclarecedor e pleno.

Com o decorrer dos anos escolares pude perceber que ao participar de aulas de Educação Física, de cunho estritamente esportivista, limitadas às propostas e ao desenvolvimento de duas principais modalidades, sendo o voleibol (para as meninas) e o futsal (para os meninos), minhas experiências motoras e esportivas eram escassas.

Foi durante a graduação no Curso de Licenciatura em Educação Física que aprendi os verdadeiros valores e perspectivas para a Educação Física Escolar. Assim sendo, aprendi que o esporte, inegavelmente, é um conteúdo muito importante para o desenvolvimento integral dos alunos, quando é pensado e organizado em uma proposta didática e pedagógica de cunho crítico e emancipatório. Ademais, percebi também que não é o único conteúdo a ser aplicado durante as aulas. Em tal momento, tive a vontade de me aprofundar ainda mais nas temáticas, conhecimentos e debates que versavam sobre o esporte dentro do ambiente escolar, direcionando-o como tema nuclear no estudo que ora se apresenta.

Quando o assunto em pauta é a Educação Física, geralmente, o pensamento coletivo se volta para a sua associação com os espaços e meios de/para promoção da saúde, qualidade de vida e, principalmente, de sua compreensão como sinônimo de prática esportiva. O esporte espetáculo, competitivo e de alto rendimento propagado na mídia é ensinado nas aulas como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, quase sempre impulsionado pela busca exacerbada de atender objetivos que não refletem necessariamente os interesses e necessidades da educação e formação integral dos alunos, na medida em que essa deveria ser a maior intencionalidade e preocupação da e na Educação Física Escolar.

Historicamente, entende-se que a Educação Física assumiu diversos papéis e valores perante as sociedades, balizando-se mediante a adoção de vertentes higienistas na promoção de saúde, militares na formação de homens fortes e preparados para a guerra e, ainda, de vertentes esportivistas preocupadas com a formação atlética dos alunos, sendo essa última a mais visível ao longo dos tempos (NETO; FERREIRA; SOARES, 2011) e, não por acaso, a que foi escolhida como palco para as investigações que foram empreendidas nesse estudo.

Com relação ao modelo caracterizado por uma perspectiva esportivista, entende-se que este surgiu na Inglaterra, por volta do século XX, sendo este país considerado o pioneiro na divulgação e utilização do esporte como elemento educacional nas escolas (BETTI, 1991).

Contudo, admite-se que a Educação Física escolar não deve se restringir a uma educação esportivista, ou seja, formação de grandes atletas e de tecnicismos que o restringem ao universo da competição, mesmo que essas sejam possibilidades inerentes ao próprio esporte, ocorrendo devido a sua exigência no desenvolvimento das capacidades motoras físicas de quem o pratica. Contudo, mesmo o esporte exigindo tais habilidades, o seu objetivo principal no âmbito escolar deve se pautar nos aspectos educacionais, na formação geral dos alunos (BETTI, 1991). Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo refletir acerca das práticas esportivas desenvolvidas no ambiente escolar, fazendo uma análise crítica em face do esporte de rendimento e ainda, apresentar outras perspectivas pedagógicas para a rotina profissional do professor de Educação Física.

2. MÉTODO

O estudo que ora se apresenta é definido como uma pesquisa de natureza qualitativa e de cunho descritivo, cujos procedimentos de coleta e análise de dados incidiram sobre fontes bibliográficas, como artigos científicos obtidos por meio de duas bases de dados eletrônicas, a saber: Scielo e Google Acadêmico. Ademais, deve-se ressaltar também que foram consultadas outras obras (livros) que estavam disponíveis no acervo da biblioteca do Centro Universitário UNIFAFIBE.

Entende-se, ainda, que o presente estudo pode ser definido como pesquisa bibliografia na medida em que esta é “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (GIL, 1991 apud SILVA; MENEZES, 2005, p. 21).

Por meio da base de dados online Scielo foram consultados os números do periódico “Revista Brasileira de Educação Física e Esporte”. Para tanto, definiu-se como base temporal o intervalo de publicações entre os anos de 2009 e 2013.

Além deste periódico, a pesquisa envolveu também a consulta em outros dois periódicos, dos quais foram consultados e utilizados outros artigos que estavam disponíveis e que se enquadravam no período definido para a coleta.

Esses periódicos foram a “Revista Brasileira de Ciência do Esporte” e a “Revista da Educação Física/UEM”. Para todos os periódicos foram utilizados as palavras-chave “Currículo, Educação Física Escolar, Esporte”. Posteriormente, optou-se pela seleção dos artigos que fossem mais recentes e que pudessem compor uma significativa amostra de publicações sobre o tema abordado.

3. PERCURSO HISTÓRICO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No Brasil, apenas em meados do século XX, já nos tempos da Ditadura Militar, que o esporte foi utilizado nas escolas objetivando-se conquistas e resultados que versavam sobre a performance, técnica e o alto rendimento físico nas aulas de Educação Física. Esse modelo de exercitação foi amplamente incentivado pelo próprio Estado, cujos objetivos tratavam da: a) melhoria da constituição física e corporal (força) da população, intuindo proporcionar maior rendimento e eficiência no decorrer da jornada de trabalho; b) estratégia política de desviar a atenção da população de seus próprios interesses sociais e econômicos; c) visão de natureza econômica, pretendendo-se a formação de atletas, preparando-os para as competições e possíveis êxitos esportivos (REI; LÜDORF, 2012).

A partir da década de 1970, o Governo Federal por meio de medidas legais e institucionais, atuou para que o esporte escolar integrasse a base inicial do sistema esportivo nacional. A função da Educação Física neste momento passou a ser o ensino do esporte de rendimento no âmbito das escolas (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

Ao final da Ditadura Militar (após 1985) e com a consolidação da Democracia, o esporte acabou sendo pulverizado massivamente, tornando-se mais popular entre os brasileiros, motivo que influenciou a fusão do esporte com a Educação Física Escolar (BRACHT, 1992 apud VAGO, 1996).

Atrelado a essas primeiras iniciativas para colocar o esporte como conteúdo privilegiado da Educação Física escolar, intuindo introduzir com mais força e de maneira sistemática o esporte no contexto escolar, segundo Bracht; Almeida (2003) o Governo Brasileiro efetuou a criação, em 21 de Julho de 2001, do Programa Esporte na Escola. Ainda, com a Resolução 173 de 05-12-2012, criada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, regimentou e organizou espaços e tempos específicos para as práticas

esportivas, com destaque para o estabelecimento das Turmas de Treinamento definidas como Atividades Curriculares Desportivas (ACDS) (SÃO PAULO, 2002 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011).

Na trama desses acontecimentos pode-se entender porque o esporte e a educação física presenciaram um “casamento” que se fortaleceu no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, sendo hoje a principal base conceitual, metodológica e prática da Educação Física escolar (NETO; FERREIRA; SOARES, 2011).

Entende-se, portanto, que foi apenas a partir dos anos 1980 que o modelo esportivista – historicamente inserido e organizado perante a educação física escolar – passou por reformas em sua estrutura didática, política e educacional, deixando o caráter tecnicista de lado, impulsionando a busca por objetivos com estreita conexão com as propostas voltadas à formação psicomotora dos alunos (BRASIL, 1998).

Para Barroso; Darido (2006 apud PESSERICO, 2009) o esporte, sendo ele constituído de uma materialidade cultural, política e social, deve ser conteúdo próprio da Educação Física e por apresentar elementos didáticos e formativos-pedagógicos salutar para a formação do educando, tornam-se essenciais no interior das práticas e espaços da esfera escolar.

Para além dessas linhas, entende-se também que o esporte passou a ser assegurado por lei, constituindo-se como “(...) um direito de todos, conforme a Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BRASIL, 1988, 1990, 1996 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011, p.244).

Para alguns autores como Belbenoit (1976 apud BETTI, 1991) o esporte não seria puramente educativo, ou seja, a sua finalidade própria não seria a educação. Em contrapartida, ao ser inserido no ambiente escolar, o esporte tornou-se um valioso alicerce para as questões e reflexões de natureza pedagógica, dependendo da forma de como o educador o admitisse em suas práticas e processos de ensino e aprendizagem.

Bracht (2001) contribui para essa questão reforçando a tese de que o esporte como conteúdo da educação física escolar só pode fazer sentido e ser entendido como caminho para a formação crítica e educacional quando estiver associado com intencionalidades e dinâmicas de natureza estritamente pedagógica.

Portanto, “o desporto não é educativo sobre todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação” (BELBENOIT 1976, p.55 apud BETTI, 1991, p.53). Portanto, ao

Introduzir a iniciação ao esporte de competição nos programas escolares não significa aceitar para a escola a missão de produzir atletas que assegurem o prestígio esportivo nacional. Este é um efeito secundário que precisa ser considerado, mas o objetivo principal é o de estender a todos uma gama tão extensa quanto possível de atividades formativas (BETTI, 1991, p.54).

Segundo Soares et. al., (1992, p.70) o esporte “deve ser analisado nos seus vários aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte da escola e não esporte na escola”.

Destarte, não é interessante introduzir o esporte moderno dentro da escola sem que antes sejam estabelecidas as críticas e discussões necessárias para repensar suas ações e modelos de ensino, agregar aqueles valores que sejam condizentes com a realidade social, econômica e histórica inerentes a cada realidade escolar específica, reelaborando os mecanismos e estruturas do esporte competitivo e midiático, utilizando-o com finalidades lúdicas e pedagógicas.

3.1. Educação Física e o sistema educacional

Historicamente, entende-se que a Educação Física apresentou diversos valores e sentidos para a sociedade, como o higiênico, na busca da promoção de saúde, o militar, influenciando na formação de homens fortes, preparados para a guerra e o esportivo, objetivando a formação de atletas (NETO; FERREIRA; SOARES. 2011).

Já durante o século XIX, no Ocidente, especificamente, na sociedade grega, a Educação Física passou a ser considerada como locus privilegiado da educação. Posteriormente, na Europa, a Educação Física englobou os movimentos Ginásticos e, na Inglaterra, os movimentos esportivos se fixaram a partir de seu potencial formativo e foram se expandindo para o mundo desde então (BETTI, 1991).

Em meados de 1870, foi firmado na Inglaterra um acordo entre o Departamento de Educação e o Gabinete Militar, momento em que foi decidido e acordado que os militares passariam a ministrar aulas de educação física nas escolas. Esse acontecimento marcou também uma mudança paradigmática no tocante às práticas físicas, na medida em que o modelo esportivo passou a ser substituído pelo modelo ginástico sueco, adentrando no país por volta dos anos de 1840 e 1850. Assim, o modelo sueco se manteve oficial nas escolas do país, cujo objetivo principal era a formação de corpos e mentalidades preparadas para atuarem como soldados nos conflitos bélicos (BETTI, 1991).

Posteriormente, em idos do século XX, o esporte tinha a força de mover o sistema político e econômico, tornando-se uma instituição social de destaque. A Inglaterra foi, então, considerada precursora na divulgação do esporte, tanto nas cidades quanto em áreas mais afastadas a ela. Desta forma, destaca-se que o país foi reconhecidamente o primeiro a aceitar e utilizar o esporte como componente educacional. Ainda, nesse mesmo século, aos poucos, outros países passaram a aceitar e utilizar o esporte como meio educacional na Educação Física escolar (BETTI, 1991).

Segundo Bracht (1992, apud VAGO, 1996) foi logo após a Segunda Guerra Mundial que o esporte se expandiu notavelmente pelo mundo e, conseqüente, para todas as esferas e espaços de natureza formativa e pedagógica, particularmente, no interior das aulas de Educação Física escolar.

Já no Brasil, no início do mesmo século, o governo (sistema ditatorial) utilizava em seu sistema educacional os modelos Ginásticos de cunho militarista, a Educação Física na época era vista como uma atividade eminentemente prática. Com o papel de formar os indivíduos em seus aspectos físicos (força) e morais (mentais), culminou-se na inserção do militarismo na escola, o que refletiu na imagem e na postura pedagógica da Educação Física (SOARES et. al, 1992).

Em decorrência deste momento histórico e social “constrói-se, nesse sentido um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social” (SOARES et. al, 1992, p.53).

Durante o regime militar no Brasil, segundo Rei e Lüdorf (2012) o ensino do esporte de alto rendimento nas aulas de educação física era controlado e regulado pelo Estado, tendo como objetivo a formação física, visando uma melhoria no trabalho, desenvolvimento da força e na formação de atletas que (futuramente) poderiam render bons retornos econômicos e de prestígio nacional face as suas promissoras conquistas, bem como politicamente, desviando a atenção da população na medida em que a mesma deixava de lado os seus próprios interesses sociais.

Linhares (1996 apud VAGO 1996) reforça que curso da Ditadura Militar, nos tempos de Getúlio Vargas, o esporte tinha objetivos voltados aos ideais políticos, fazendo da Educação Física um espaço privilegiado para o exercício do controle sobre

o tecido social.

Seguindo nas linhas da história, Oliveira (2004) diz que nos anos entre 1968 e 1984, a Educação Física era traduzida a partir de um objetivo exclusivo, a formação moral das pessoas. O esporte ajudou a formar um mundo onde as pessoas competem e concorrem entre si. Não só para aqueles que advogavam sua importância na formação dos soldados, mas, também, quando a prerrogativa era o ambiente escolar, os enfoques da Educação Física não se alteravam. Neste sentido, competir, vencer e triunfar por meio do desempenho físico era uma premência, uma sólida perspectiva a ser propagada.

Entretanto, com o fim da Ditadura e com as primeiras iniciativas voltadas à formação de um estado democrático, surgem as primeiras mudanças no sistema educacional e com elas também vieram outras aberturas no que concerne ao ensino nas aulas de Educação Física. A aposta agora era na introdução do método austríaco, criado por Gaulhofer e Streicher e a sua Desportiva Generalizada que chegou ao país com Auguste Listello (SOARES et. al, 1992).

Para Soares et. al, (1992) vale destacar também como era evidente que o método Desportivo Generalizado tinha no esporte escolar um foco voltado para a indústria esportiva, não muito diferente do esporte de alto rendimento ou do sistema de formação de atletas. Assim, podemos compreender que “essa influência no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola” (SOARES et. al, 1992, p.54).

3.2 Educação Física e o Esporte de acordo com os PCN's

A partir de 1968, com a Lei nº 5.540 e 5.692 (1971), a Educação Física teve como objetivo a formação física e técnica priorizando o desempenho corporal dos alunos. Já nos anos de 1970, os objetivos estiveram diretamente conectados aos interesses militares e, portanto, voltou-se na e para a formação militar usando como base as práticas esportivas também usadas na busca de melhorar a força do homem para o trabalho (BRASIL, 1998).

Em 1971, com o Decreto nº 69.450 a Educação Física ficou relegada às preocupações com a aptidão física em suas atividades e utilizou-se de elementos técnicos também como base nas avaliações dos alunos. Com este propósito, a partir das 5º séries do ensino fundamental, o ensino da disciplina voltou-se para a iniciação esportiva e a formação de habilidades esportivas (BRASIL, 1998).

Contudo, foi só a partir dos anos de 1980 que o modelo esportivista começou a ser criticado e problematizado por professores, educadores e teóricos, passando assim por uma reforma mediante a nova política educacional. O modelo de esportivização usado ficou para trás e o objetivo das aulas de Educação Física deslocaram-se para a formação psicomotora do aluno, desobrigando a Educação Física da ideia e/ou obrigação de formar atletas (BRASIL, 1998).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997 e a LDBEN nº 9.394/96 – tornou-se obrigatório a organização da Educação Física para o ensino primário e ensino médio. Com a difusão do esporte no país e com a promulgação de novas leis, ocorreu a oficialização do esporte no país e também a oficialização do esporte como conteúdo da Educação Física escolar (BRASIL, 1998).

4. ESPORTE FENÔMENO DA CULTURA SOCIAL MUNDIAL

Segundo Betti (1991) o esporte tornou-se um fenômeno mundial graças ao

reaparecimento dos Jogos Olímpicos e a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1886. Coubertin (1863-1937) teve um papel importante para iniciar o aperfeiçoamento dos Jogos Olímpicos. Apoiando o esporte, ele utilizou o modelo da Grécia Antiga e o modelo do esporte educativo das escolas públicas inglesas. Coubertin, depois de conhecer o sistema educativo inglês e estando certo de que foi esse modelo que levantou o país, decidiu renovar os Jogos Olímpicos.

Em 1894, Coubertin depois de se reunir em Paris em um Congresso Atlético Internacional com os europeus e americanos responsáveis pelas políticas esportivas em seus países, decidiu em conjunto com os mesmos, reinaugurar os Jogos Olímpicos da Idade Moderna. Coubertin espalhou o esporte Olímpico pelo mundo e levantou a marca da paz no esporte (BETTI, 1991).

A partir dos acontecimentos supracitados, “o desporto estava em posição favorável para se tornar um fenômeno de expansão mundial, um fenômeno internacional” (MCLINTOSH, 1975 apud BETTI, 1991, p.47).

Para Soares et. al, (1992) o esporte é um fenômeno social e possui significados e sentidos para a sociedade. É uma atividade de reprodução cultural e social presente na vida das pessoas e que deve permanecer como conteúdo legítimo da Educação Física, oferecendo valores educativos e humanos. Dialogicamente, destaca-se as palavras de Bracht (2001) quando atesta que o esporte foi construído historicamente pela sociedade e está em constante mudança de sentidos e significados.

Estas atmosferas que envolvem o fenômeno esportivo sempre foram alvo de estudos e pesquisas de inúmeros autores, dentre outras razões, pelo que Silva (2004) ressalta ao externar que o esporte ao longo do tempo se tornou muito importante para a vida das pessoas por todo o mundo, despertando emoções e interesses variados.

Por este viés, entende-se que o esporte faz parte da sociedade e foi construído histórica e culturalmente, definindo-se e sendo definidor de práticas e concretudes sociais e materiais mediante as características de cada povo, com suas regras e rotinas singulares e que foram determinadas ao longo das relações sociais (KUNZ et. al, 2006).

Portanto, deve-se admitir que “como prática cultural, o esporte incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma sociedade historicamente organizada” (VAGO, 1996, p.9).

No atual modelo econômico capitalista o esporte incorporou ainda características de mercantilização, usado como uma forma de marketing para gerar lucros, vários produtos presentes no dia-a-dia das pessoas possuem marcas esportivas. O esporte passou a ser explorado na tentativa de aumentar as vendas. Os esportes, desta maneira, reforçaram o consumismo e despertaram desejos de apropriação material associados às ideias de qualidade e eficiência disseminadas por meio dos esportes (CASTELLANI, 1989 apud VAGO, 1996).

Nesta mesma base de raciocínio, deve-se destacar também, como afirma Porcher (1977 apud BETTI, 1991), que a mídia fabrica um estado de idolatria e m f a c e do ídolo-atleta, moldando-o e projetando-o como uma estrela, um baluarte para uma marca/produto, com o poder de comercializar sua imagem e quando associado a essa mesma marca/produto aumentar os ganhos das empresas e/ou fabricantes.

Para Lipovetsky (2007, apud PIMENTA; HONORATO, 2010) o esporte como produto de consumo desperta no indivíduo o gosto não apenas pela prática, mas, e, principalmente, pelos produtos a ele associados por meio de propagandas e *marketing*.

Até nas escolas de ensino privado o esporte é usado como uma forma de promover a instituição, quanto mais modalidades esportivas a escola apresentar em seu currículo ou promover na mídia o esporte como patrocinadora, maior será a chance desta escola vender sua imagem de qualidade para os pais e para a sociedade em geral.

5. CRÍTICA SOCIAL AO ESPORTE

O esporte exerce influencia massiva sobre o mundo das pessoas e na atualidade pode é considerado uma questão central em debates sociais, refletindo desigualdades e privilégios de uns sobre os outros. Ademais, também pode ser a solução para conflitos de natureza economia, política e cultural (KRAWCZYK et alii. 1972 apud BETTI 1991).

Em consequência dessa expansão comercial e social, o esporte foi usado desde a década de 1960 para atender aos interesses políticos dos governos ao utilizarem de forma ilusória as conquistas esportivas frente à consolidação de um estado de alienação da economia (LÜSCHEN; WEIS, 1979 apud BETTI, 1991).

Para tanto, segundo Brohm; Laguillaumie (1978 apud BETTI, 1991) o esporte apresenta estruturas, modelos e características que os aproxima da sociedade e do regime econômico capitalista, na busca exacerbada da competição, rendimento nas técnicas, alienação do trabalho e a utilização do homem como máquina.

Assim sendo, como na competição, a busca financeira apresenta como principal exigência a ênfase nos resultados e objetivos a serem alcançados. O atleta terá mais valor a partir dos resultados obtidos e seu trabalho, bem como suas glórias, dependem das suas conquistas. É o que leva o indivíduo ou o atleta do rendimento extremo à especialização de uma determinada prova ou modalidade, objetivando sempre ser o melhor para obter sucesso e quebrar recordes (BETTI, 1991).

Faz-se urgente entender, diante deste caótico cenário, que o esporte com vistas à especialização torna sua prática mecanizada e rígida, torna aquilo que antes trazia satisfação e prazer para as pessoas em uma atividade técnica, monótona e cristalizada para os seus praticantes (BETTI, 1991).

Lenk (1979 apud BETTI, 1991) reforça essa tese ao dispender esforços para explicitar que o esporte de alto rendimento possui características muito semelhantes ao universo de trabalho, com suas adaptações para a sociedade industrializada.

Complementarmente, para Vinnai (1978, apud BETTI, 1991) o que deveria ser admitido como um jogo se distorce e acaba por levar à reprodução da rotina de trabalho. O esporte e sua rentabilidade econômica são frutos da ideia capitalista e os indivíduos em suas práticas esportivas são cobrados ao máximo para renderem.

6. O ESPORTE NA ESCOLA

O esporte é atualmente assegurado por meio de bases legais, incorporando-se como “um direito de todos, conforme a Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BRASIL, 1988, 1990, 1996 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011, p. 244).

Na esteira desta compreensão fica perceptível como a Educação Física pode presenciar fortemente no Brasil, entre os anos de 1960 e 1970, a implantação do conteúdo esportivo no seio das práticas e rotinas escolares, tornando-se a base principal das aulas de Educação Física no âmbito escolar (NETO; FERREIRA; SOARES, 2011).

Todavia, foi a partir do ano de 1970 que o Governo Federal intercedeu para que o esporte escolar fosse entendido também como a estrutura e/ou alicerce para o sistema esportivo nacional. Assim, a função da Educação Física passou a ser a base primária do esporte de rendimento (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

Nesta medida, fica evidente que o esporte foi escolarizado com o intuito de promover a iniciação esportiva, ou seja, ser profícuo na e para a formação de atletas, seguindo o próprio interesse do sistema esportivo e, invariavelmente, do poder

econômico e dos ideais nacionalistas para a formação de atletas que, posteriormente, representariam a nação em competições esportivas internacionais (BRACHT, 2001).

Na sequência dessa linha de interpretação analítica e história, depois que o Brasil não obteve bons rendimentos nas Olimpíadas de Sydney e com a população insatisfeita e cobrando por resultados que não apareciam, o setor esportivo e a Educação Física - representada pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF)-, sugeriram a criação do Programa Esporte na escola, legitimado e validado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pelo governo brasileiro em 21 de Julho de 2001 (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

A criação desse programa visou introduzir de maneira mais contundente o desporto nas escolas, tendo como objetivo “desenvolver a educação física às escolas brasileiras e beneficiar 36 milhões de crianças em todo o país” (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p.1 apud BRACHT; ALMEIDA, 2003, p.93).

Para Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), instituição parceira e diretamente favorecida pelos avanços em face do Programa Esporte na escola, “o esporte na escola é a iniciativa mais importante da história do esporte no Brasil” (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p.20 apud BRACHT; ALMEIDA, 2003, p.93).

Independentemente de qualquer outro debate político e legal, o esporte justificou-se ao longo da história como uma prática cultural e simbólica própria da sociedade brasileira e como um dos principais conteúdos da Educação Física escolar (BARROSO; DARIDO, 2006 apud PESSERICO, 2009).

Para Bassani; Torri; Vaz (2011) essas ideias e perspectivas conduziram ao entendimento de que o esporte estava presente tanto como um dos conteúdos mais importantes da Educação Física Escolar quanto como prática extracurricular, sempre desempenhando um papel fundamental na educação dos alunos, independente da idade, protegendo-os de rotinas estreitas às ruas e ao contato com as drogas. Nesta medida,

A melhoria da qualidade de vida e do estado de saúde da população brasileira, além de ter um papel de coadjuvante no combate às drogas, à violência, na formação social, no aprimoramento da personalidade da criança, entre outros benefícios sociais, e como conseqüência a revelação de novos talentos esportivos (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p.3 apud BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 93).

Com a Resolução 173 de 05-12-2002 tem-se que “As Atividades Curriculares Desportivas destinadas à prática das diferentes modalidades de desporto se constituíam como parte integrante da proposta pedagógica das escolas” (SÃO PAULO, 2002 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011, p.247). Ademais, a partir desse documento, promulgado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE), foram criadas e incorporadas ao currículo das disciplinas escolares as Atividades Curriculares Desportivas (ACDS), comumente chamadas de turmas de treinamento escolar (SÃO PAULO, 2002 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011).

Segundo Pesserico (2009), as ACDS deveriam estar de acordo com as prerrogativas e normatizações que estavam presentes no Projeto Político Pedagógico das escolas, devendo ocorrer sempre em horário de contra turno, dentro do período de aulas e sendo divididas por modalidades, faixa etária e gênero.

Contudo, segundo NETO, FERREIRA E SOARES (2011) o treinamento esportivo dentro do ambiente escolar traz consigo a busca única e exclusiva de resultados em competições escolares e não apreende esforços para o estabelecimento de uma educação esportiva aos seus alunos.

Quando a escola prioriza o esporte nas aulas de Educação Física, na busca de

resultados em campeonatos esportivos, provoca automaticamente uma seleção dos alunos mais habilidosos, daí o principal interesse da escola e da Educação Física passou a ser o esporte de alto rendimento. Nesse sentido, não há preocupação com as necessidades educacionais e esportivas de todos os alunos (NETO; FERREIRA; SOARES, 2011).

Paralelamente, deve-se problematizar também que, como assinalaram Pimenta e Honorato (2010) o esporte como única ferramenta de ensino, não seria apenas uma “imposição” na Educação Física escolar, esta realizada pelo professor, mas, por toda a gestão escolar, coordenadores, professores e sociedade, que classifica erroneamente esta atividade esportiva como destinada às práticas, técnicas e habilidades esportivas.

Somado a esse cenário, admite-se o problema que ocorre quando a escola possui um destaque no esporte, momento em que toda a equipe escolar, diretores, professores e até a comunidade coloca em relevo e status o êxito esportivo como algo positivo. Desta feita, até mesmo os alunos-atletas são destacados e reconhecidos quando participam de tais competições (NETO; FERREIRA; SOARES, 2011).

Vago (1996) e Bracht (2000) citados por Luguetti, Bastos e Böhme (2011), afirmam que o esporte apresentado dentro da escola não possui concordância estreita com a proposta pedagógica, na medida em que o mesmo não se transforma na e pela escola. É tão somente o próprio esporte moderno que está presente dentro das escolas.

Por essa compreensão e ao admitir a força unilateral exercida por esse modelo de esporte performático e televisivo, admitir-se-á que na atualidade, bem como em outrora, como efeitos dos investimentos no esporte no contexto escolar, contrariamente ao que se esperava, “temos não o esporte da escola e sim o esporte na escola” (VAGO, 1996, p.9).

Na contramão dessas intenções pode-se observar a pequena ou a quase ausência de parâmetros para que o esporte seja ensinado adequadamente. Nas palavras de Bracht (2001) o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar só fará sentido se for tratado pedagogicamente.

Esse fato leva a entender que “o esporte não é educativo sobre todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação” (BELBENOIT 1976, p.55 apud BETTI, 1991, p.53).

Contudo, tem-se a compreensão de que a competição deve estar presente dentro do âmbito escolar, mas, invariavelmente, deve ser realizada de acordo com uma proposta educacional e crítica. A competição é inerente ao universo das pessoas, entretanto, não deve ser o único objetivo durante as situações de confronto e prática (LOVISOLO, 2001 apud LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011).

Betti (1991) reforça que ao colocar o esporte de competição na escola não significa que se deve priorizar como objetivo a formação de atletas, mas, sim, propor esforços para que o conteúdo esporte seja uma extensão de valores na formação do indivíduo.

Para Vago (1996) o esporte face sua estrutura reorganizada pode sim ser tratado como um conteúdo de ensino na escola. Dessa forma,

Pretende-se levar o aluno a conhecer, vivenciando concretamente, diferentes formas em que o esporte se apresenta e/ou pode apresentar-se. Procura-se pensar, assim, não apenas no esporte-espetáculo, ou no esporte de recreação e lazer, mas na própria criança que pratica o “seu esporte”, além das próprias possibilidades da “transformação didático-pedagógica do esporte” (Kunz et. al, 2006, p.29).

Em síntese, o esporte como conteúdo da Educação Física deve ser proposto para contribuir na e para a formação global do indivíduo, desenvolvendo habilidades e

competências para a vida e não só voltadas para o desporto em si (Kunz et. al, 2006)

Segundo Molina; Silva; Silveira (2004, apud PESERICO, 2009) a prática do esporte é importante tanto para os mais novos, ou seja, para as crianças como também para os adolescentes, pois é através dessas vivências que os alunos poderão aprender a viver socialmente no meio em que estão inseridos.

Perante o olhar para as práticas esportivas, Soares; Ferreira; Neto (2013) apresentam uma crítica à constatação de que são pouquíssimas as modalidades esportivas desenvolvidas, frequentemente, nas aulas de Educação Física. As modalidades esportivas mais conhecidas e praticadas nas escolas brasileiras são: voleibol, futsal, handebol e basquete.

7. AVALIANDO O ESPORTE COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Além do trabalho prático e teórico com o conteúdo esporte, os professores possuem a difícil tarefa de encontrar caminhos para uma avaliação que possa atender aos propósitos educacionais inerentes à formação global dos educandos. Neste sentido,

A ênfase na busca do talento esportivo e no aprimoramento da aptidão física vem condicionando, em parte, a aula e o processo avaliativo, transformando a educação física escolar numa atividade desestimulante, segregadora e até aterrorizante, principalmente para os alunos considerados menos capazes ou não aptos, ou que estejam decididos pelo rendimento esportivo. (SOARES et al. 1992, p.99-100)

Para Soares et. al, (1992) a avaliação na Educação Física Escolar sempre seguiu o mesmo vértice formalizado imposto pela escola, no qual o professor tem que avaliar e atribuir notas aos alunos, quase sempre baseando-se no êxito esportivo de cada um. Ademais, tem-se também o parâmetro não formal, quando o professor, durante o desenvolvimento de uma aula, analisa e separa os alunos por suas capacidades motoras e habilidades físicas, atribuindo mais atenção aos alunos mais habilidosos desconsiderando os demais.

Nas atividades esportivas estes alunos recebem a função de “capitães”, responsáveis pela formação dos grupos compostos pelos mais talentosos. Dessa forma, pode-se evidenciar a exclusão pela avaliação, que vai totalmente contra o sentido do projeto pedagógico escolar (SOARES et. al, 1992).

A avaliação na Educação Física deveria também ser orientada a partir dos objetivos da escola (Projeto Político Pedagógico), atendendo aos interesses e às necessidades da comunidade escolar (SOARES et. al, 1992). Assim sendo,

Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que se seleciona para ensinar e como o trata científica metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos (SOARES et. al, 1992, p.26).

Não obstante ao que foi anteriormente explicitado, entende-se que “não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados, é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social” (LIBÂNEO, 1985, p. 39 apud SOARES, 1992, p.31).

Para Tani; Basso; Corrêa (2012) no processo de ensino-aprendizagem o professor tem o papel de aproximar o aluno dos conteúdos propostos. Ainda, mesmo

que o conteúdo seja bem planejado, caso não atenda às necessidades e não desperte o interesse dos alunos, a meta da aprendizagem não será devidamente alcançada. Até mesmo se o conteúdo for ensinado em etapas separadas, por mais que sejam bem ensinados, não significa que ele fará jus ao aprendizado dos alunos.

Na seleção de conteúdos, o professor tem que levar em conta a capacidade motora, cognitiva e a formação social dos seus alunos (SOARES et. al, 1992). Portanto,

A intenção não é ensinar a praticar determinadas modalidades esportivas e conhecer apenas suas formas, suas aplicações e organizações, mas o papel é fazer com que adquiram autonomia para a prática dessas modalidades esportivas com o senso de reflexão crítica sobre como, quando, onde e para que elas se manifestam nas mais variadas situações, nesse caso, no cenário escolar (SANTOS; PICCOLO, 2011, p.66).

O processo de ensino e aprendizagem na Educação Física, utilizando-se da Cultura de Movimento, tem que envolver o conhecimento dos alunos e suas habilidades; o professor poderá se basear “na observação, análise e conceituação de elementos que compõem a totalidade da conduta humana e que expressam no desenvolvimento de atividades” (WAISELFISZ, 1990, p.60 apud SOARES et. al, 1992, p.104).

Bracht (1992, p.65 apud VAGO 1996, p.14) diz, ainda, que o professor tem que

Desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, os oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada. Permitir ou possibilitar através desta pedagogia que estes indivíduos possam analisar criticamente o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto sócio-econômico político e cultural.

Segundo Soares et. al, (1992) o professor precisa conscientizar os alunos sobre suas capacidades motoras, cognitivas e seus níveis de aprendizado, estimulando a solução de problemas, que posteriormente podem ser reparados ou até mesmo superados.

Nesta medida, tem-se que a avaliação não deveria ser utilizada apenas para atribuir valores aos alunos, mas servir de diagnósticos para as aulas e aprendizagem, já que “o objetivo do currículo é a reflexão do aluno” (SOARES et. al, 1992, p.27).

A avaliação participativa também deve ser objetivada no trato do esporte como conteúdo da Educação Física, pois a participação dos alunos nas atividades em grupo contribui para futuras tomadas de decisão em relação à própria vida. O professor tem que levar em conta também a classe social dos alunos, o que significa não amenizar, mas, sim, fazer uma análise para se tomar as medidas necessárias para uma melhor estrutura do processo avaliativo. Quanto ao desempenho esportivo, deve-se desconsiderar a ênfase no êxito esportivo ou cobranças de desempenhos e habilidades nas atividades e valorizar a criatividade e a ludicidade. A nota tem que ser baseada visando o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que é importante que os alunos estejam cientes dos critérios da avaliação propostos pelo professor (SOARES et. al, 1992).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das linhas analíticas e críticas desenvolvidas neste estudo foi possível verificar que a Educação Física escolar, em seu percurso histórico, manteve os holofotes voltados ao papel das práticas físicas na e para a formação de atletas, priorizando a formação do corpo forte e, para tal, usava-se o esporte como um meio. A partir desta herança pode-se inclusive entender o quadro atual da Educação Física na escola,

sendo ela ainda tratada como sinônimo do próprio esporte.

O que encontramos, ainda, foi que o esporte moderno, de cunho competitivo, apresentasse imperiosamente como conteúdo das aulas. Além disso, as avaliações realizadas ainda são utilizadas como mecanismos de quantificação e classificação dos alunos, baseadas em competências e habilidades físicas. Constou-se, ainda, que o modelo esportivista (tecnicista), aquele adotado com finalidades militares e higienistas, foi deixado para trás, passando por reformas pedagógicas e educacionais, com objetivos que passaram a refletir as necessidades e anseios de cada grupo social e cultural.

Foi possível identificar que mesmo com diversas mudanças no cenário das políticas educacionais, o modelo de ensino de cunho técnico e esportivista ainda é encontrado no ensino da disciplina de Educação Física. Diante dessa constatação cabe indagar se a escola deve mesmo prosseguir com a missão de formar atletas. Ainda que fossem defendidas tais intenções, será que os treinamentos dentro do ambiente escolar seriam os mais adequados aos alunos? Deve-se seguir com a seleção dos mais habilidosos e a inevitável exclusão daqueles considerados menos aptos?

São muitos os questionamentos e problematizações que incidem sobre esse assunto e que não poderiam ser sanados tão facilmente. De qualquer maneira, faz-se necessário repensar e refletir sobre as possibilidades e concretudes do ensino do esporte no palco escolar.

O presente estudo não teve a pretensão de responder e tampouco revelar em tão poucas linhas as tramas e nuances dos processos de ensino e aprendizagem envolvendo o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física. Todavia, foi possível levantar indícios e destacar alguns quadros históricos e sociais gerais que nos ajudaram a entender um pouco mais sobre o fenômeno esportivo no contexto escolar.

Para além de quaisquer temores, tem-se a constatação de que caberia à todos os profissionais, alunos e demais pessoas envolvidas com a realidade escolar, discutir o “fazer” e o “agir” pedagógicos em face do desenvolvimento e adoção de práticas esportivas mais saudáveis, plenas e satisfatórias para todos os educandos.

Atualmente, o esporte é identificado como um fenômeno social, político, cultural e econômico, estando presente na vida de todas as pessoas, mesmo que elas não percebam. Perante essa assertiva, ele não deve ser negado ou excluído como conteúdo da Educação Física escolar, mas, invariavelmente, transformado pedagogicamente. Perceber-se-á, assim, que ser crítico ao esporte moderno e ir contra o ensinamento da técnica esportiva, não significa deixá-lo de lado, ao contrário, é fazer dele parte integrante do atual currículo escolar.

O esporte traz consigo a busca pela performance, alto rendimento, competição, concorrência, a vitória a qualquer custo, o profissionalismo e a violência. Contudo, deve-se também ressaltar seus virtuosismos na e para a coletividade, como o espírito de equipe, liderança, disciplina, o fair play, a promoção da saúde.

Por fim, conclui-se que o esporte é um dos conteúdos pedagógicos inerentes à disciplina de Educação Física e deve ser ensinado e desenvolvido a partir de práticas didáticas e pressupostos emancipatórios que façam emergir suas potencialidades. Ao professor de Educação Física cabe à cobrança para que utilize o esporte como instrumento educacional e não como espaço para evidenciar e hierarquizar técnicas, rendimentos e habilidades no curso de suas aulas. A verdadeira missão educacional e política requer que os valores positivos sempre superem os valores negativos.

7. REFERÊNCIAS

- BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.9, n.2, p.237-49, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/281>. Acessado em: 27. Set. 2013.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991. BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, ano 6, n.12, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewarticle/2228>. Acessado em: 27 Set. 2013.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: apseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.24, n.3, p.87-101, Maio, 2003. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/765>. Acessado em: 03 Set. 2013.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf. Acessado em: 25 Set. 2013.
- KUNZ, E.; CARDOSO, C. L.; FALCÃO, J. L. C.; FIAMONCINI, L.; SARAIVA, M. C.; SOUZA, M. **Didática da Educação Física**. 4ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- LUGUETTI, C. N.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. Gestão de práticas esportivas escolares no ensino fundamental no município de Santos. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.25, n.2, p.237-249, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1807-55092011000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 13 Set. 2013.
- MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. A escolarização dos esportes nas décadas de 1920 e 1930: A Associação Brasileira de Educação e a energização do caráter. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.34, n.1, p.253-260, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892012000100117&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 13 Set. 2013.
- NETO, A. R. M; FERREIRA, A. C.; SOARES, A. J. G. Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de Educação Física. **Motriz**. Rio Claro, v.17, n.3, p.416-423, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://google.com.br/search?q=Pol%C3%ADticas+de+esporte+e+a+constru%C3%A7%C3%A3o+social+do+curr%C3%ADculo+de+Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 13 Set. 2013.
- OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física Escolar e ditadura Militar no Brasil (1968-1984): Entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.25, n.2, p.9-20, 2004. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/223/0>. Acessado em: 29 Ago. 2013.

PESERICO, C. S. **Relação Esporte – Desempenho Escolar**: Visão de estudantes atletas e professores de uma escola particular de Maringá-PR. p.10-55, 2009. Disponível em: <<http://www.def.uem.br/geraMonografia.php?id=15>. Acessado em: 27 Set. 2013.

PIMENTA, T.; HONORATO, T. Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de educação física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.24, n.4, p.493-505, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1807-55092010000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 13 Set. 2013.

REI, B. D.; LÜDORF, S. M. A. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1964-1985): balanço histórico e novas perspectivas. **Revista de Educação Física/UEM**, v.23, n.3, p.483-497, 3 trim. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-30832012000300015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 13 Set. 2013.

SANTOS, M. A. G. N.; PICCOLO, V. L. N. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.25, n.1, p.65-78, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180755092011000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 29 Set. 2013.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**. 4ª Ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm3439.pdf>. Acessado em: 4 Set. 2013.

SILVA, W. A. O esporte enquanto elemento educacional. **Efdeportes: Revista digital**. Buenos Aires, ano 10, n.79, dez, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>. Acessado em: 30 Ago. 2013.

SOARES, A. J. G.; NETO, A. R. M.; FERREIRA, A. C. A pedagogia do esporte na Educação Física no contexto de uma escola eficaz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n.2, p.297-310, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010132892013000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 03 Set. 2013.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; FILHO, L. C.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.26, n.2, p.339-50, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:In0LLuDcY9UJ:scholar.google.com/+esporte+na+escola+performance&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acessado em: 13 Set. 2013.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento**, ano 3, n.5, 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/2228>. Acessado em: 29 Ago. 2013.